

Editorial

Ao que parece estamos vivendo um momento especial da orquidofilia. Os nossos conhecimentos sobre o assunto estão, a cada momento, sendo postos à prova e se mostrando insuficientes ante a ebulição do mundo científico. Temos a sensação de que o que aprendemos tornou-se rapidamente inútil.

Como destacou um autor, uma das características marcante da orquidofilia é estar sempre atenta ao estudo científico. Um orquidófilo não chama nunca a planta e a flor de sua preferência pelo nome popular, mas pelo nome científico, só se permitindo uma leve abreviação com relação às regras de nomenclatura botânica. Diz, por exemplo, *Cattleya intermedia* e não *Cattleya intermedia* Graham, *Cattleya labiata*, em lugar de *Cattleya labiata* Lindley, etc. etc. Ninguém, no mundo orquidófilo faz menção a um belo exemplar de Chuva de Ouro, mas diz, que belo espécime de *Oncidium flexuosum*...

Mas, tudo que aprendemos ameaça ir “pelo ralo”, deixando-nos a sensação que pertencemos a uma galáxia diferente, o mundo orquidófilo que se formou com base na sistematização de Schlechter e, bem mais recentemente, de Robert L. Dressler.

Os especialistas de hoje, munidos de novo instrumental científico, pesquisas de DNA, análises cladísticas, etc. etc. e, também - é preciso reconhecer -, porque a natureza já não oferece a épica abundância de gêneros e espécies, como se viu no fim do século dezenove e durante a primeira metade do vinte, andam revolvendo a panóplia dos nomes válidos e renovando aceleradamente a classificação a que estávamos acostumados. Alguns gêneros brasileiros de enorme importância tem passado por esse processo.

Não faz muito tempo e para homenagear um bom amigo mandei para registro na RHS, que, como se sabe, é o registro civil das nossas orquídeas, um cruzamento de *Laelia alaiori* com *Cattleya trianaei*. Candidamente remeti o pedido como *Lc.* Sergio Araujo. Obtive o registro como *Sophrocattleya* (*Sc*), porque, agora, para a RHS as *laelias* brasileiras, segundo a revisão de Cassio Vandenberg, são *Sophronitis*. Como todos sabem existem outras correntes que defendem outras classificações para as *laelias* brasileiras.

Como ficamos, então? Como fica, sobretudo, o editor desta revista, ou de outra qualquer revista orquidófila, que tem, como maioria absoluta, leitores da “Galáxia Dressler”.

Será que, malgrado a abonação da RHS, já é a hora de abandonar os antigos nomes e esforçar-nos para aprender e usar os novos?

Penso que sim e isso me parece inevitável, posto que uma das imposições a uma publicação do gênero da nossa e minimamente séria é a observância das regras do Código de Nomenclatura Botânica, a que segue e observa, também, a Royal Horticultural Society. Como tudo que é inglês, tem ele a sabedoria de, através de certos conceitos, como basiônimos, sinônimos, etc., ir nos permitindo passar pela pre-história e história de um *nomen*, de tal maneira que acabemos por saber do que se está falando.

Assim, esta nota informa aos nossos leitores que, gostemos ou não, ou imbuídos de sentimento de perda, vamos ter que renovar a classificação até aqui adotada por Orquidário.

O Editor